



SANTOS, Boaventura de Sousa. A difícil democracia: reinventar as esquerdas. São Paulo: Boitempo, 2016. ISBN 978-85-7559-509-1

José Martins dos Santos Neto *

Introdução

O sociólogo Boaventura de Sousa Santos, professor jubilado da Faculdade de Economia da Universidade Coimbra, diretor do Centro de Estudos Sociais e coordenador científico do Observatório Permanente da Justiça dessa mesma universidade, é um dos mais renomados cientistas sociais da contemporaneidade e crítico contundente da financeirização do capitalismo contemporâneo. Sua vasta obra de indubitável relevância, traduzida para o espanhol, italiano, francês, alemão e inglês, abrange os campos mais diversos das críticas aos processos de globalização, da sociologia do direito, da democracia e dos direitos humanos. Devido, sobretudo, à diversidade e à profundidade das temáticas abordadas nessa obra, podemos afirmar que suas incursões históricas e conceituais fornecem elementos sólidos para debruçarmos sobre a fragilidade da democracia brasileira nos dias atuais. A obra não é apenas crítica, mas traz também inferências propositivas no que concerne às reais possibilidades de se reinventarem as esquerdas e de se buscarem alternativas à democracia política representativa, fortalecendo assim a democracia participativa e popular. Apesar de se tratar de

Resenha recebida em 15 de junho de 2018 e aprovada em 09 de julho de 2018.

* Doutor em Filosofia, Mestre em Estudos Linguísticos. Professor do Departamento de Ciências da Religião da PUC Minas
País de origem: Brasil. E-mail: biotoque@yahoo.com.br.

uma compilação de produções textuais de épocas distintas, a obra possui uma coerência no seu todo uma vez apresenta um foco comum, o de se indagar por alternativas para a reinvenção da democracia no mundo atual.

Escopo da obra

A obra *A difícil democracia: reinventar as esquerdas*, de Boaventura de Sousa Santos busca realizar questionamentos plausíveis sobre o futuro da democracia num contexto mundial cada vez mais ordenado pelo capitalismo financeiro e por complexas formas de colonialismos. Nesse sentido, aponta para um giro moral ultraconservador com a consequente retomada do patriarcalismo nas relações. O autor indaga se a democracia do futuro vai conseguir o rompimento com o atual modelo democrático. Nesse sentido, Boaventura busca, nas suas construções reflexivas, captar insights racionais e razoáveis que consigam demarcar o futuro possível da democracia. Para tal, ele organiza suas ideias num livro composto de introdução, quatro partes e um epílogo. Na parte introdutória, faz uma sinopse da história da democracia no século XX e início do XXI. Suas ponderações visam lançar luzes sobre o futuro possível da democracia, ressaltando o aparecimento de modelos contra-hegemônicos, como a democracia participativa, ao lado dos hegemônicos. Chama a atenção para o fato de que, no bojo das ondas hodiernas de cunho neoliberais, os modelos contra-hegemônicos são frequentemente instrumentalizados. Nessa parte introdutória, se enfatiza, enfim, a progressiva substituição da democracia social por outra de cunho meramente instrumental, isto é, por uma democracia tolerada, desde que esteja ao serviço do capital.

Na primeira parte do livro intitulada “Revolução e transformação do Estado”, o autor retoma um texto próprio que fora publicado em 1990 em que se analisam as transformações pelas quais passa o Estado português, ressaltando a importância da Revolução dos Cravos que culminou no fim da ditadura salazarista,

no ano de 1974. O autor também tece considerações sobre a posição semiperiférica ocupada por Portugal em relação à Europa no que concerne ao sistema mundial, ressaltando que após a referida revolução Portugal passa à busca do rompimento com sua posição semiperiférica no âmbito europeu.

Na segunda parte da obra, o autor explora como o regime político cubano se tornou emblemático para o estudo da democracia e, em especial, para a refundação das esquerdas. Além do caso de Cuba, ainda na segunda parte, o autor traz em seu livro comentários datados sobre acontecimentos que ocorreram nos últimos sete anos, desde as manifestações políticas acontecidas no Brasil aos atentados terroristas de Paris em janeiro de 2015. Ainda no decorrer da segunda parte, se apresentam fatos que, segundo o autor, afetaram e ainda afetam a democracia. O título de um dos capítulos dessa segunda parte, posto sob a forma da pergunta “Por que Cuba se transformou num problema difícil para a esquerda?”, abrevia o conteúdo da sua análise ao definir a esquerda como “o conjunto de teorias e práticas transformadoras que, ao longo dos últimos 150 anos, resistiram à expansão do capitalismo e ao tipo de relações econômicas, sociais, políticas e culturais que ele gera e que assim procederam na crença da possibilidade de um futuro pós-capitalista, de uma sociedade alternativa”. (p. 74). A partir dessa compreensão, que identifica sociedade alternativa com o socialismo, Boaventura expõe dois desafios postos pela Revolução Cubana: o de se buscar o equilíbrio entre resistência e alternativa e o de encontrar formas de se combinar reforma e revolução. O sociólogo acredita que Cuba seguirá contribuindo para a renovação da esquerda mundial desde que se abra ao campo de experimentação futuro expresso pela radicalização da democracia, pluralidade de organizações políticas e no constitucionalismo pensado e pautado a partir das classes populares.

A terceira parte do livro é composta de cartas-comentários redigidas entre os anos de 2012 e 2015, com o intuito de mostrar a ideologia das “ondas de privatizações” que, juntamente com a corrupção, são intituladas de privatária. Esse conjunto de cartas analisa o legado de Chaves na Venezuela e o possível futuro da

revolução bolivariana após sua morte. Nessa terceira parte se analisam também algumas das possíveis causas das manifestações realizadas no Brasil no decorrer do mês de junho de 2013. Além de outras, se pontuam também questões ligadas aos avanços e aos limites de governos progressistas na América Latina como o de Rafael Correa no Equador. São apresentados também debates sobre as ações dos Estados Unidos no sentido de manutenção de sua hegemonia econômica. Por fim, são feitos apontamentos a respeito da direita e de sua agressividade na atual fase do capitalismo de cunho neoliberal.

A quarta parte do livro, “Reinventar as esquerdas”, é uma compilação de 13 cartas redigidas entre os anos de 2011 e 2016. Nelas Boaventura interpela as esquerdas a respeito de questões históricas e atuais que as desafiam no sentido de uma premente necessidade de se reinventar. O autor defende a ideia de que a política de esquerda precisa ser anticapitalista, anticolonialista, antissexista e intercultural.

Por fim, o epílogo “Para ler em 2050”, descreve num estilo literário e futurista o caminho que pretensamente teria conduzido a humanidade à barbárie, num período em que as esquerdas, divididas, não conseguiram apontar uma saída. Termina enfatizando que é preciso reinventar as esquerdas para que se possa construir a alternativa. O autor afirma, por fim, que a superação das três formas de dominação modernas configuradas pelo capitalismo, o patriarcado e o colonialismo, deve ter como balizas os processos de desmercantilização, democratização e descolonização. Para se conseguir esse feito da reinvenção das esquerdas Boaventura postula o estabelecimento de relações de interculturalidade entre os movimentos sociais contemporâneos, possibilitando assim, a maximização das articulações entre os mesmos.

Conclusão

Levando-se em conta a atualidade e a profundidade da temática analisada nessa obra de Boaventura de Sousa Santos, se pode afirmar que sua leitura se faz de suma importância não apenas para acadêmicos, como sociólogos, filósofos, teólogos e cientistas da religião, mas para todos os interessados em subsídios reflexivos ancorados no binômio teoria/práxis, capazes de propulsionar críticas consequentes e alternativas viáveis à fase atual do capitalismo mundial na sua face neoliberal excludente, desumanizante e estritamente financeira.